

**MEMES NAS REDES SOCIAIS:
DA REPRODUÇÃO DE PRECONCEITO À COMPREENSÃO
DE FENÔMENOS DE VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICAS**

*Márcia Valéria Oliveira Moura**

*Ilana Teixeira Bonfim Meira***

*Lucas Santos Campos****

RESUMO: Há movimentos que denunciam atos discriminatórios, como racismo, sexismo, homofobia, porém são poucas as iniciativas de combate ao preconceito linguístico. No universo virtual tem sido frequente o emprego de “memes” que fazem gracejos a partir de apresentação de expressões próprias de formas da língua, empregadas por pessoas das classes populares. Mensagens dessa natureza alimentam a discriminação social, a partir da linguagem. Este trabalho tem o objetivo de, como uma ação de combate ao preconceito linguístico, apresentar uma proposta de exploração de “memes” em aulas de língua portuguesa, a fim de indicar, por um lado, a riqueza da variação linguística, por outro o potencial de mudanças na língua a partir de formas variantes. O aporte teórico está calcado na Linguística Histórica. A metodologia consiste em apresentar, paralelamente, fatos de variação, ocorridos em momentos pretéritos. Esperamos contemplar professores de Português, estudantes de Letras e pessoas interessadas na desmistificação desse preconceito.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Histórica; Memes; Preconceito linguístico.

* Mestranda em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

** Mestranda em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

*** Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia (Ufba) com estágio de Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

Introdução

Em diversas áreas do conhecimento sucederam avanços e mudanças de atitude e postura em relação a alguns pensamentos e práticas. Por exemplo, hoje em dia, ninguém aceita submeter-se a um procedimento cirúrgico com as mesmas técnicas utilizadas pela medicina do século XVI, com relação à língua, no entanto, apesar de inúmeros esforços para divulgação de que uma língua é constituída de formas variantes, muitas pessoas esperam que os valores ditados pelos cânones de uma dessas formas, a variante de prestígio, ou no dizer de Lucchesi (2002, p. 65) a norma culta, que é a variante utilizada pelos falantes amplamente escolarizados, uma concepção de língua que remonta à época do surgimento da disciplina gramatical, no século III a. C., no mundo helenístico.

Nesse sentido, entre outros autores, Bagno (2002, p. 25) assinala que a ideia que ainda paira sobre o pensamento de boa parte das pessoas é a de que a língua seja um corpo estável, homogêneo, um produto acabado, pronto para consumo, uma caixa com ferramentas já testadas e aprovadas, que devem ser usadas e devolvidas para a caixa no mesmo estado em que foram encontradas.

Para fortalecer a noção não-científica de “certo” e “errado” em torno de pronúncias de vocábulos da língua, a mídia ainda exerce um papel preponderante na defesa da norma culta, através de um discurso que muitas vezes induz as pessoas ao pensamento de que a língua está em processo de degradação, correndo o risco de se corromper ou que se encontra corrompida. A esse respeito, Faraco (2008, p. 25) afirma “(...) a mídia, como que possuída por um dever moral de corrigir a suposta incúria, desleixo e ignorância dos falantes brasileiros, encampou com sofreguidão esse discurso categórico: se pôs ao lado dos ‘paladinos da Sra. Dona Norma Culta’”. Por meio de colunas, matérias e manuais rápidos, profissionais de diversas áreas, muitos deles até com formação especializada na área de Letras, tendem a apontar o que é “certo” e “errado” em termos de pronúncias, confundindo o termo língua com Gramática normativa.

Com o advento de novas tecnologias, especialmente com a popularização da internet, as informações são propagadas com uma velocidade muito grande e, nesse sentido,

mensagens virtuais denominadas memes¹ vêm ganhando espaço nas redes sociais. Alguns desses memes, como veremos adiante, têm a intenção de ridicularizar expressões próprias de formas variantes da língua, que, geralmente, são empregadas por pessoas das classes mais populares. Felizmente, por outro lado, há também memes que, sem demonstração de preconceito, assinalam formas variantes da língua.

Neste trabalho, temos o objetivo de, como uma ação de combate ao preconceito linguístico, apresentar uma proposta de exploração de “memes” em aulas de língua portuguesa, a fim de indicar, por um lado, a riqueza da variação linguística, por outro o potencial de mudanças na língua a partir de formas variantes. Subjacentemente, apontamos a confusão que boa parte das pessoas faz ao tratar a língua e a Gramática normativa como sinônimas; discutimos, de forma sucinta, a variação linguística que é inerente a toda e qualquer língua e, além disso, analisamos pronúncias apresentadas por alguns memes nas redes sociais, indicando, como já referimos anteriormente, que ora eles exploram a riqueza da variação linguística como um fenômeno positivo e natural, ora fazem gracejos da fala característica das camadas populares da sociedade. Nosso objetivo é demonstrar que fenômenos de variação linguística são naturais e podem ser explicados com base no estudo da trajetória histórica da língua.

Para isso, nos baseamos em Williams (1975), Mattos e Silva (2002), Basso; Gonçalves (2014) entre outros autores que se ocuparam e se ocupam o com o levantamento histórico da língua portuguesa.

Exploramos, paralelamente, fenômenos linguísticos semelhantes, ocorridos no português, em momentos pretéritos e atuais. Esperamos, assim, colaborar com a amenização do preconceito social manifestado através de críticas ofensivas a formas de manifestação linguística, geralmente utilizadas por pessoas das classes menos abastadas.

¹ Meme é um termo grego que significa imitação. O termo é bastante conhecido e utilizado no “mundo da internet”, referindo-se ao fenômeno de “viralização” de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc., que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade. <www.significados.com.br/meme/> Acesso em: 14 mai. 2018.

1 Língua versus Gramática Normativa

Nesta seção abordamos a diferença entre língua e Gramática normativa, assunto que gera muita discussão e dúvidas. Muitas vezes os termos língua e regras gramaticais são colocados como sendo a mesma coisa e, na realidade, não o são, já que o primeiro, língua, reúne o conjunto de todas as variantes do idioma, incluindo aquelas que fazem parte do que Lucchesi (2002, p. 65) denomina norma vernácula, que é a variante geralmente utilizada pelos falantes com poucos anos de escolarização ou sem escolarização alguma; o segundo, Gramática normativa, contempla as normas que regem apenas uma das variantes, geralmente, a que desfruta de prestígio social, por ser a variante geralmente empregada pelos falantes com mais tempo de escolarização, como já referimos anteriormente, denominada por Lucchesi (2002, p. 65) como norma culta.

1.1 Da confusão entre língua e gramática normativa

O ensino de língua, para muitas pessoas, é visto como mais uma disciplina do currículo escolar, mas não podemos perder de vista que a língua representa um instrumento de interação social. Na escola, conforme Scherre (2005, p. 42), o que se ensina é “gramática normativa da língua portuguesa, escrita da língua portuguesa ou leitura em língua portuguesa”. A autora indica que, até aí, tudo bem, destacando que esse é o papel da escola, só que, esse ensino de gramática normativa é feito em detrimento de construções que, a despeito de naturais – isto é – espontâneas, são estigmatizadas pelo padrão normativo por considerá-las “erradas” e “feias”.

A língua é marcada por aspectos de cunho social já que é fruto das relações sociais. Sendo assim, “a língua é em si o conjunto das variedades” (FARACO, 2008, p. 71). Em consonância com o autor, salientamos que a valoração atribuída a cada uma das variedades da língua está embasada não apenas em questões linguísticas, mas também em questões históricas e sociais, ao passo que a gramática normativa é decorrente da busca de uma

uniformização linguística. Gramáticas normativas são concebidas como instrumentos padronizadores ou reguladores da língua, com a função de estabelecer critérios formais para a fala e a escrita.

Com base em Scherre (2005, p. 84-85), reiteramos que é comum as pessoas confundirem língua com gramática normativa, como se a língua tivesse que obedecer cegamente às regras impostas por essa entidade. Enquanto a tradição gramatical traz exemplos da escrita de autores consagrados, como algo ideal que deve ser alcançado por todas as pessoas, a língua é suscetível de variação e mudança, de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes.

1.2 A escola e o ensino de Língua Portuguesa

Quando se fala no ensino da língua portuguesa, para a maioria das pessoas, é como se esse contemplasse prioritariamente o ensino de regras gramaticais, ou seja, o ensino do português como sinônimo do ensino das regras da Gramática normativa, no entanto, como afirma Mattos e Silva (2002, p. 12), não podemos ensinar língua portuguesa a quem já a sabe falar. Uma criança, ao ingressar na escola, traz consigo uma bagagem linguística, fruto do contato com a língua desde sua tenra idade, já que ela é falante e pertencente a uma comunidade linguística que apresenta uma gramática natural.

Na direção contrária a esse pensamento, o que muito acontece no ensino tradicional de língua portuguesa e que afeta mais diretamente às pessoas, notadamente as crianças, pertencentes às classes de menor poder aquisitivo, é o desprezo à bagagem linguística delas. Sua língua é considerada “errada”, “feia”, “deformada”. Desse modo, é feita a tentativa de um trabalho de substituição da variante que essas pessoas trazem, a norma vernácula, pela variante padrão, a norma culta. Esse ciclo, certamente, representa uma das fontes do preconceito linguístico, visto que, quem passa a dominar formas da norma culta, passa à posição de prestígio e as que não, ficam estigmatizadas.

Para amenizar essa prática, Bagno (2002, p.17) nos propõe um questionamento: “quais os verdadeiros objetivos do ensino de língua na escola?”. Ao discorrer sobre essa

pergunta estilística, o autor aponta que o ensino de língua na escola deveria estar voltado para “o desenvolvimento de uma educação linguística, prática que difere do fazer tradicional de imposição da norma culta e de uma metalinguagem tradicional de abordagem da língua.

Na educação linguística, cabe ao professor, conforme destaca Cyranka (2015, p. 35), considerar as experiências reais de seus alunos quanto ao uso da sua língua, levar em conta a variedade linguística que eles utilizam e sua capacidade de nela se expressarem e, assim, conduzi-los nas atividades pedagógicas de ampliação de sua competência comunicativa.

1.3 A mídia enquanto fiscal da língua

A mídia exerce forte influência na sociedade, em função da sua capacidade de difundir regras de conduta e de moda, entre outras. Nesse sentido, a mídia desempenha um papel de difusão da ideia do que é “correto” em termos de uso da língua, gerando a noção de desvio entre as variantes populares, em relação à variante de prestígio social.

Manuais de redação e textos jornalísticos, muitas vezes servem como fonte de instrução normativa, assim como as gramáticas e, dessa forma, a mídia contribui para estabelecer padrões que são usados como balizadores da norma adequada ao uso dos falantes no seu dia a dia. O problema é que, quem não se enquadra nessas normas, é julgado como alguém que não domina a própria língua.

Muitos profissionais da imprensa, colunistas e consultores da língua reforçam essa visão, fruto da confusão entre gramática normativa e língua. Além da mídia formal, seja ela impressa ou não, as redes sociais são grandes influenciadoras dessa confusão que gera preconceito através da língua. Nessas redes, os memes viralizam, ou seja, difundem uma informação, muito rapidamente, na internet. Assim, memes que trazem exemplos de uso das variantes populares da língua, com o intuito de estigmatizá-la, prestam o papel de disseminadores do preconceito linguístico nas redes sociais.

2. Memes nas redes sociais: amostras da disseminação do preconceito linguístico e da variação linguística vista com naturalidade

Teoricamente falando, os memes são mensagens inofensivas de “bom dia”, “boa noite”, “religiosas”, “cômicas”, entre outras. Recolhemos, nas redes sociais, alguns memes afeitos à disseminação do preconceito linguístico e outros que ilustram a variação linguística como um fenômeno natural. Como já referido anteriormente, nosso objetivo é o de, como uma ação de combate ao preconceito linguístico, apresentar uma proposta de exploração de “memes” em aulas de língua portuguesa, a fim de indicar, por um lado, a riqueza da variação linguística e, por outro lado, o potencial de mudanças na língua a partir de formas variantes, explicando-os com base no desenrolar da trajetória histórica da língua.

Para isso, traçamos um paralelo entre alguns fenômenos fonéticos semelhantes que ocorreram no processo de transformação do Latim para o Português ou no Português antigo e continuam acontecendo nas formas variantes do português brasileiro contemporâneo; indicamos que algumas formas linguísticas em desacordo com a Gramática normativa, em dado momento, podem, com o passar do tempo, se tornar formas consagradas na língua em um momento posterior, ou, ao contrário, formas de prestígio em momentos do passado, podem ser estigmatizadas no presente e atestamos que muitas pronúncias atuais não devem ser consideradas erradas, pois fazem parte do processo natural e histórico de variação e mudança da língua.

2.1 Memes que corroboram com o preconceito linguístico

Os memes que seguem são exemplo de zombaria para com o modo de falar alheio, demonstrando atitudes de preconceito linguístico.



Figura 1 - Meme

Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/640918590693729699/>> Acesso em 15 abr. 2018.



Figura 2 - Meme

Disponível em: <<https://www.humordido.net/index.php/2017/01/30/voltagem-sem-ti-deiz/>> Acesso em: 15 abr. 2018.

Em contrapartida, esclarecemos que embora as construções apresentadas nesses memes não tenham sido escritas conforme as regras da Gramática normativa, elas trazem informações compreensíveis para qualquer falante da língua que domine a habilidade da leitura. Esses exemplos refletem o modo de falar de pessoas que, provavelmente, não experimentaram muitos anos de instrução formal e reproduzem na escrita a forma como falam sua língua.

Devemos ter em mente que essas construções carregam consigo a identidade linguística da classe social de menor poder aquisitivo. No entanto, a partir do momento em que essas construções surgem em “memes” nas redes sociais com a intenção de fazer graça e de zombar de quem utiliza essa variante da língua, elas se tornam um sinal de opressão social, por desprezar a forma linguística pela qual se expressam pessoas de determinada classe social, demonstrando claramente o preconceito que paira na sociedade dita civilizada.

Cumprindo nosso objetivo de colaborar para a amenização desse preconceito, à luz da Linguística Histórica, apresentamos uma análise de alguns fenômenos fonéticos envolvidos no meme a seguir, em par com fenômenos similares, ocorridos em momentos pretéritos da história da língua.



Figura 3 - Meme

Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/666884657294414996/?lp=true>>

Acesso em 15 abr. 2018.

Passamos a considerar as pronúncias representadas nesse meme, que retratam fenômenos fonéticos contemporâneos em paralelo com exemplos de fenômenos semelhantes ocorridos em momentos passados da trajetória histórica da língua.

Na pronúncia das formas da norma vernácula “prástico”, “framengo” e “pobrema”, levando em consideração a segunda sílaba desse terceiro vocábulo, em oposição à elocução das respectivas variantes canônicas, ou seja, da norma culta, “plástico”, “flamengo” e “problema”, em consonância com Bagno (2007, p. 218) podemos identificar o fenômeno fonético, conhecido como “rotacismo”, que consiste na tendência em pronunciar como “r” o “l” quando esse fonema figura como segundo elemento em encontros consonantais.

O autor aponta que “sons representados pelas letras “erre” e “ele” são aparentados, isto é, são produzidos pelo nosso aparelho fonador de modo semelhante e em pontos próximos, no interior da cavidade bucal, daí a facilidade da troca de um pelo outro. Sendo assim, os falantes que executam o rotacismo na pronúncia, estão levando adiante uma tendência natural que acontece tanto no português, quanto em outras línguas. Bagno aponta que, na obra *Os Lusíadas* (1572), se dá a ocorrência de “pranta” por planta; “pruma”, por pluma, “pubrica” por pública e “ingrês”, por inglês, momento em que essas formas grafadas com “r” representavam a variante de prestígio.

Ainda nesse sentido, Williams (1975, p. 74) registra, na transposição do Latim para o Português, a transformação do grupo “bl” em “br”, apontando, entre outros exemplos o das formas latinas “blandum”, “clauum” e “flaccum” que resultaram, respectivamente, em “brando”, “cravo” e “fraco”, embora a indicação do autor seja a de ocorrência desses encontros consonantais em posição inicial de palavras.

Considerando ainda a pronúncia “pobrema”, em oposição à elocução da variante canônica “problema”, em consonância com Williams (1975, p. 119), identificamos a ocorrência de um fenômeno denominado “metátese”, também conhecido como “hipérese”, que consiste em sons adjacentes eventualmente tomarem posição reversa, como exemplifica o autor com a forma latina *merulum*, que resultou em Português inicialmente em *melro*, na qual podemos notar a permuta de posição entre “r” e “l”. Em seguida, como aponta o autor, a palavra assume a forma *merlo*, com nova permuta de posição entre as consoantes “r” e “l”. Podemos também admitir que simultânea e paralelamente a esse fenômeno, houve a síncope (apagamento) do “r” na primeira sílaba, assim o vocábulo passa a ser pronunciado “poblema”.

Para exploração de pronúncias de outras variantes da forma canônica “problema”, recomendamos consulta a Bagno (1997, p. 38-43).

A pronúncia variante “bassoura” por “vassoura” é exemplo de um fenômeno fonético conhecido como “betacismo”. Basso; Gonçalves (2014, p. 125) aponta que, em alguns casos, alguma flutuação ainda ocorre na linguagem popular, como entre “bassoura” e “vassoura”, “assobiar” e “assoviar” e, em outros, a passagem se consolidou há tempos, como em “homem” > “varão” > “barão”, conforme foi registrado na obra *Os Lusíadas* (1572). Por outro lado, ao tratar de mudanças fonéticas ocorridas ainda no Latim vulgar e no lento e gradativo processo de mudança do Latim para o Português, Williams (1975, p. 71) aponta que houve algumas confusões entre “b” e “v” iniciais.

Na pronúncia “imbigo”, cuja variante da norma culta está representada pela forma “umbigo”, podemos constatar a ocorrência do fenômeno fonético comumente conhecido como “assimilação”. A assimilação consiste na tendência natural a aproximar ou no cultivo

de maior identidade entre dois fonemas em uma mesma palavra. Entre outros exemplos, Williams (1975, p. 113) ilustra a ocorrência desse fenômeno no português antigo, em que o termo “riqueza” resultou em “requeza” e “pedir” resultou em “pidir”. Nessas ilustrações, podemos observar a tendência ao cultivo de identidade entre os sons vocálicos. Como na forma “umbigo”, proveniente do latim “umbilicum” já existe o som “i” no interior da palavra, manifesta-se a tendência de pronúncia do “i” ao invés do “u”, resultando na variante “imbigo”.

Outra interpretação pode ser dada para a realização “imbigo”, se tomarmos por base a forma “embigo”, também consagrada pela norma culta atual. Nesse caso, constatamos a ocorrência do fenômeno conhecido por “metafonia” ou “harmonização vocálica”. O falante, naturalmente, tende a pronunciar o “i” pelo “e”, cultivando a harmonização entre duas vogais altas no mesmo vocábulo “i” e “i”, daí resulta a forma “imbigo”.

Na pronúncia da variante da norma vernácula “curintia”, em par com a variante da norma culta “corinthians”, nos é possível identificar as seguintes ocorrências fonéticas: (i) o alteamento da vogal “ó” para “u”, como um recurso de harmonização vocálica; (ii) a síncope de fonema(s) no final do vocábulo, fenômeno conhecido como apócope. Na trajetória de mudança do Latim para o Português, Williams (1975, p. 112) anota os seguintes exemplos desse fenômeno: *centum* > *cento* > *cem*; *quantum* > *quanto* > *quão*; *tantum* > *tanto* > *tão*; *sanctum* > *santo* > *são*.

Desse modo, buscamos interpretar e explicar os fenômenos fonéticos envolvidos nas pronúncias dos vocábulos apresentados no meme como pertencentes à “voz do povo”, que não pode representar “a voz de Deus”. Ponderamos que se é possível identificar os fenômenos fonéticos da língua, estabelecendo paralelo com outros semelhantes, ocorridos no decorrer da sua trajetória histórica, insistir em tratar as variações como “erro” significa negar a explicação científica e a busca de esclarecimentos racionais para explicar a tendência natural de pronúncias de vocábulos da língua.

2.2 A variação tratada como realização natural

Apresentamos a seguir memes que, de forma natural e bem-humorada, demonstram a riqueza da variação linguística.

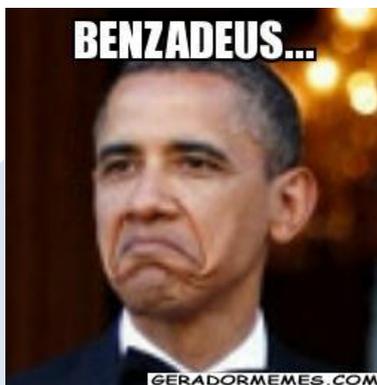


Figura 4 - Meme

Disponível em: <<http://geradormemes.com/meme/odv24r>> Acesso em 15 abr. 2018.

O fenômeno fonético que ocorre na pronúncia “benzadeus”, referente à expressão “benza a Deus” é denominado “sândi”, consiste no desenvolvimento de um fonema inicial e/ou final como se fossem mediais, em virtude da justaposição com a palavra precedente ou seguinte. Como afirma Williams (1975, p. 121), são casos em que se pode falar em fonologia sintática. Entre outros exemplos o autor apresenta o seguinte fato ocorridos no Português antigo: “outra hora” que resultou em “outrora”. Assinalamos que a expressão outrora, é acolhida pela norma culta vigente, embora esteja em relativo desuso na atualidade. Em contrapartida, encontramos na norma vernácula realizações fonéticas como “vambora”, “vumbora”, “rumbora”, entre outras formas variantes que resultam de sândi da pronúncia da expressão “vamos embora”.



Figura 5 - Meme

Disponível em: <<http://geradormemes.com/meme/zrow6e>> Acesso em 15 abr. 2018.

Outro exemplo da riqueza da variação linguística que aparece em memes nas redes sociais é a representação da pronúncia “magina”, ao invés de “imagina”. Nesse caso, identificamos a síncope da vogal inicial do vocábulo, fenômeno denominado de “aférese”.



Figura 6 - Meme

Disponível em: em: <<https://www.meme4fun.com/i/YbQzA>> Acesso em 15 abr. 2018.

Considerações finais

Nosso objetivo, com este trabalho, como já expressei anteriormente, é o de, como uma ação de combate ao preconceito linguístico, apresentar uma proposta de exploração de “memes” em aulas de língua portuguesa, a fim de indicar, por um lado, a riqueza da variação linguística, por outro o potencial de mudanças na língua a partir de formas variantes.

Para esse fim, com base em autores que se ocuparam em relatar o desenrolar da trajetória histórica da língua, apresentamos interpretações e explicações de algumas dessas formas, apresentadas em memes. Há formas que, em dado momento dessa trajetória, não eram reconhecidas pela norma culta e, em momentos posteriores, passaram a ser acolhidas por esse padrão, em virtude de terem sido consagradas pelo uso.

Esclarecemos que somos cientes de que uma das funções dos docentes de língua portuguesa é o de acessibilizar aos seus discentes o conhecimento das variantes da norma culta, recomendando-lhes que as utilizem em situações formais, principalmente quando essas envolverem a linguagem escrita, mas, como argumentamos anteriormente, reiteramos que a imposição de uma variedade linguística, a de prestígio social, como sendo o “alfa” e o “ômega”, ou seja a medida do idioma, representa, por um lado, a redução da língua a uma pequena porção e, por outro um ato de exclusão social.

O ideal, em uma sociedade verdadeiramente democrática, é que todas as pessoas possam ter direito a instrução pública, incluindo a oportunidade de acesso ao conhecimento da norma culta, a fim de que a possam empregá-la quando as situações de interação social assim o requererem, principalmente quando da necessidade de comunicação formal, por escrito.

Não apresentamos um roteiro formal de aula para os professores de língua portuguesa, mas esperamos que as análises aqui desenvolvidas lhes possam servir de inspiração e que as referências utilizadas possam guiá-los na ampliação do seu conhecimento sobre a trajetória histórica da língua.

MEMES IN SOCIAL NETWORKS: FROM REPRODUCTION OF PREJUDICE TO THE COMPREHENSION OF PHENOMENA OF LINGUISTIC VARIATION AND CHANGE

ABSTRACT: There are movements that report discriminatory acts, like racism, sexism, homophobia, however, there are few efforts to discourage the linguistic prejudice. In the virtual universe has been common the use of “memes” that make jokes from presentation of specific expressions of forms of language, used by people of the popular classes. Messages of this nature feed social discrimination, from language. The aim of this work is to present a proposal for the exploration of "memes" in Portuguese language classes, as an action to combat linguistic prejudice, in order to indicate, on the one hand, the richness of the linguistic variation, on the other hand the potential of changes in the language from variant forms. The theoretical contribution is based on Historical Linguistics. The methodology consists in presenting, in parallel, facts of variation, occurred in past moments. We hope to contemplate Portuguese teachers, Languages students and people interested in the demystification of this prejudice.

KEYWORDS: Historical linguistics; Memes; Language prejudice.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 1997.
- BAGNO, M. et al. *Língua Materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BASSO, R. M.; GONÇALVES, R. T. *História concisa da língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CYRANKA, L. F. M. A pedagogia da variação linguística é possível. In: Zilles A. M. S.; Faraco C.A. (orgs.) *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 31-51.
- FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 63-92.
- MATTOS E SILVA. R. V.. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto, 2002.

SCHERRE, M.M.P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

WILLIAMS, E. B. Modificações Esporádicas. In: *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

Recebido em: 10/07/2018.

Aprovado em: 02/08/2018.